

A Percepção do Espaço Urbano dentro do Simulacro - um estudo de caso

The Perception of the Urban Space Inside the Simulacrum - a case study

La Percepción del Espacio Urbano Dentro del Simulacro - un estudio de caso

Leonardo Fireman de Castro Silva* e Adriana Capretz Borges da Silva Manhas**

RESUMO

A partir dos conceitos de Baudrillard (1991) acerca de simulacros e simulações, esta pesquisa parte da ideia segundo a qual os condomínios fechados horizontais se caracterizam como simulacros urbanos a partir de um estudo de caso. Como tais, promovem a criação de ambientes urbanos que sintetizam e simplificam a realidade da cidade, tornando controláveis toda e qualquer diferença e encontros inesperados do meio social, buscando negar a realidade da maioria na tentativa de construção de uma urbe melhor, referenciada em um passado que não mais pode se concretizar. Diante disso, o objeto principal desta pesquisa é o Condomínio Aldebaran, que foi o primeiro loteamento fechado construído na cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas. Com todas as características estruturais que possibilitam a simplificação da realidade fora dos muros e a potencialização de um estilo de vida que nega os aspectos negativos vividos pela maioria da população da cidade, o referido condomínio será caracterizado como um simulacro urbano. A vivência neste espaço virtualmente idealizado do Aldebaran pode criar um cidadão despolitizado, indiferente de seus direitos e deveres para com o bem comum da cidade, tornando a realidade vivida no condomínio mais importante do que a de fora dos muros.

Palavras-chave: Simulacro urbano. Aldebaran. Maceió. Percepção. Realidade.

* Graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió, Maceió, Alagoas, Brasil. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil. Atualmente é Professor titular no Centro de Estudos Superiores de Maceió, Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: leo_fireman@hotmail.com

** Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Mestre em Engenharia Urbana e Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. Atualmente é Professora Adjunta na Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: adriana.capretz@fau.ufal.br

Artigo recebido em fevereiro/2014 e aceito para publicação em maio/2014.

ABSTRACT

Based on the concepts of Baudrillard (1991) on simulacra and simulations, this research is based on the idea that horizontal condominiums are characterized as urban simulacra from a case study. As such, they promote the creation of urban environments that synthesize and simplify the city reality, controlling any difference or unexpected encounters in the social environment, seeking to deny the reality of the majority in an attempt to build a better metropolis, based on a past that no longer exist. Therefore, the main object of this research is the Condominium Aldebaran, which was the first built gated subdivision in the city of Maceió. With all the structural features that enable simplification of reality outside the walls and the leverage of a lifestyle that denies the negative aspects experienced by the majority of the population of the city, the condominium will be characterized as an urban simulacrum. Experiencing this virtually idealized space, Aldebaran can create depoliticized citizens, regardless of their rights and duties towards the common welfare of the city, making reality inside the condominium far more important than reality outside its walls.

Keywords: Urban simulacrum. Aldebaran. Maceió. Perception. Reality.

RESUMEN

A partir de un estudio de caso, y con base en los conceptos de Baudrillard (1991) relacionados a los simulacros y simulaciones, esta investigación parte de la idea de que los condominios horizontales se caracterizan como simulacros urbanos. Como tales, promueven la creación de ambientes urbanos que sintetizan y simplifican la realidad de la ciudad, intentando hacer controlables encuentros inesperados del entorno social y tratando de negar la realidad de la mayoría para construir un mejor metrópolis, referenciado en un pasado que no es más posible. El objeto principal de esta investigación es el Condominio Aldebaran, primer condominio cerrado en la ciudad de Maceió. Con todas las características estructurales que permiten la simplificación de la realidad fuera de los muros y la intensificación de un estilo de vida que niega los aspectos negativos experimentados por la mayoría de la población de la ciudad, dicho condominio se caracterizará como un simulacro urbano. La vivencia en este espacio virtualmente idealizado del Aldebaran puede crear ciudadanos despolitizados, que no tienen en cuenta sus derechos y deberes hacia el bien común de la ciudad, convirtiendo la realidad en condominio más importante que la del exterior de sus paredes.

Palabras clave: Simulacro urbano. Aldebaran. Maceió. Percepción. Realidad.

INTRODUÇÃO

O condomínio horizontal fechado não constitui uma ideia inovadora; este foi antecedido por vários exemplos históricos que tinham a mesma intenção: a negação de uma realidade através da idealização do morar. Tais formas de urbanização podem ser consideradas como antiurbanas, tendo em vista que a urbanidade da cidade pode passar a ser negada em troca da realização de um bem-estar individual.

O crescente aumento do número de condomínios fechados no Brasil é uma realidade; os condomínios correspondem a uma forte tendência na urbanização do País. Tais estruturas condicionam novas dinâmicas no espaço habitado que tendem a modificar as relações sociais vigentes.

Körbes (2008), em suas pesquisas, afirma que em 2002 um artigo da revista *Veja* anunciou que um milhão de brasileiros viviam em condomínios fechados próximos às grandes cidades, e três milhões viviam em condomínios verticais, ou seja, quase 2,5% da população total escolhendo viver dentro dos limites dos muros. Ainda segundo a autora, a tendência é de que a população da cidade diminua e a dos condomínios aumente.

A cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas, possui uma população de 936 mil habitantes e tem 50 bairros em sua área urbana. Corrêa (2010) mostra que parte dos espaços públicos deste território está se tornando privada: a cidade possui ao todo 112 áreas residenciais horizontais fechadas, seja na forma de condomínio fechado ou loteamento que foi murado após sua consolidação.

Diante da proliferação desses empreendimentos na cidade, o espaço público torna-se cada vez mais abandonado e carente de sociabilidade. Em Maceió, os casos de áreas residenciais fechadas desde o lançamento, apesar de estarem em menor número, provocam um impacto maior para a cidade, uma vez que se apropriam de áreas maiores para a sua formação. O resultado de tal apropriação do espaço público da cidade pode prejudicar a mobilidade, fragmentando os espaços e salientando cada vez mais as diferenças sociais.

A violência é o argumento mais utilizado para se justificar o abandono dos espaços públicos pelas classes média e alta. Vieira (1986) demonstra que a violência – sendo entendida como violação dos direitos dos outros através do uso da força e do abuso de poder – se relaciona com a falta de condições dignas de sobrevivência e privilégios de pequenos grupos.

Alagoas é o estado com maior número de homicídios por habitante do País e Maceió lidera a lista das capitais brasileiras. Ainda que muitos crimes ocorram nas áreas mais carentes da capital, como decorrência das disputas pelo domínio do tráfico de drogas, o alto índice de homicídios pode ser usado como objeto de discursos dos mais variados, sendo um assunto com alto grau de comoção dos cidadãos.

Diante dessa realidade, os espaços públicos podem passar a ser percebidos como perigosos, e sua função de promover um ambiente de convivência e sociabilidade para a população passa a ser esquecida. Sendo assim, o sentimento de preservação dos

espaços públicos tenderia a ser deixado de lado, visto que os espaços privados que os condomínios fechados promovem possibilitam uma convivência mais segura e atrativa.

Um fator que também pode incentivar o abandono do uso dos espaços públicos da cidade é a má qualidade dos serviços públicos. Entretanto, as pessoas que procuram morar nos condomínios fechados buscam um isolamento que pode causar a perda da noção de civilidade para com a cidade, e o sentimento de integração e pertencimento desses moradores pode ser perdido. A fuga dos aspectos negativos da cidade que o morar no condomínio fechado oferece não proporciona uma solução para os problemas vividos coletivamente, mas apresenta uma solução individual da qual poucos podem desfrutar. Ideais de cidadania e busca de soluções coletivas sobre os problemas da cidade podem ser esquecidos, em troca de um bem-estar individual.

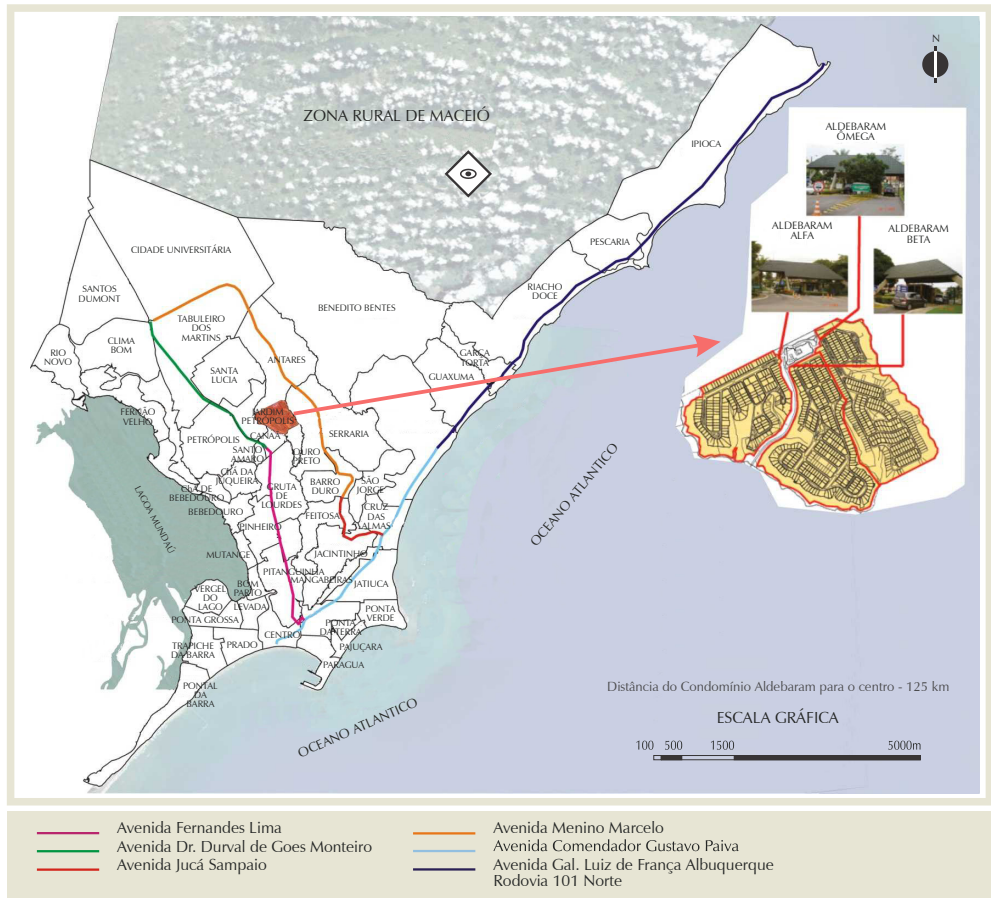
Dentro dos condomínios fechados, serviços que seriam públicos passam a ser oferecidos em um ambiente privado, como o saneamento, a iluminação, a arborização e, especificamente, a segurança. A reprodução destes serviços busca criar um ambiente idealizado que proporcione um novo estilo de vida com relação ao vivido na cidade. Diante disso, acredita-se que o condomínio tende a ser percebido como um universo privado que rejeita os aspectos inconvenientes da cidade e de seus espaços públicos. Isto leva a crer que tais características visam remontar um espaço idealizado na tentativa de se criar um ambiente de convivência em perfeita harmonia entre iguais, longe das relações indesejadas e da imprevisibilidade que um ambiente heterogêneo possibilita.

A partir dos conceitos de Baudrillard (1991) sobre simulacros e simulações, este artigo parte da ideia segundo a qual os condomínios fechados horizontais se caracterizam como simulacros urbanos, tendo em vista que eles promovem a criação de ambientes urbanos que sintetizam e simplificam a realidade da cidade.

Assim, o objeto principal deste artigo é o Condomínio Aldebaran, que foi o primeiro loteamento fechado construído na cidade de Maceió, no ano de 1985, no bairro Jardim Petrópolis, que possui ligação com as principais vias de acesso da cidade (figura 1). O Aldebaran caracteriza-se como um loteamento fechado, embora aprovado inicialmente como um loteamento que foi fechado antes da sua ocupação pela construtora responsável; sua estrutura é constituída pelos módulos Alfa, Beta, Ômega e Núcleo Central.

Este artigo é baseado em dados de pesquisa empírica aplicada na dissertação de Mestrado com o tema: Os Simulacros Urbanos e a Percepção da Cidade – um estudo de caso (SILVA, 2013). O objetivo é destacar os resultados obtidos na pesquisa considerando-se o Aldebaran como um *simulacro urbano*, visto que este possui todas as características estruturais que possibilitam a simplificação da realidade fora dos muros e a potencialização de um estilo de vida que nega os aspectos negativos vividos pela maioria da população da cidade. Tal vivência neste espaço idealizado pode criar um cidadão despolitizado, indiferente de seus direitos e deveres para com o bem comum da cidade, tornando a realidade vivida no condomínio mais importante do que a de fora dos muros, podendo resultar em uma visão alheia aos reais problemas da cidade, já que somente os problemas que afetam diretamente os condôminos passam a ter importância para eles (SILVA, 2013).

FIGURA 1 - CONDOMÍNIO ALDEBARAM - LOCALIZAÇÃO EM RELAÇÃO AOS BAIRROS DO MUNICÍPIO DE MACEIÓ (ESTADO DE ALAGOAS) E PRINCIPAIS VIAS DE ACESSO DA CIDADE



FONTE: Base cartográfica da cidade de Maceió (2010)

NOTA: Adaptado pelos autores.

1 SIMULACROS URBANOS E SEUS EFEITOS NO ESPAÇO URBANO

Os conceitos sobre simulação sintetizam-se a partir das considerações de Baudrillard (1991), que passa a criticar e mostrar as formas de simulação de seu tempo.

Baudrillard (1991) afirmava que o mundo da simulação e do simulacro significa a superação da metafísica, “é toda a metafísica que desaparece” (BAUDRILLARD, 1991, p.8). Para ele, superar a metafísica significa destruir o mundo real que há por trás do mundo aparente. Assim, não há mundo real, apenas simulacros e simulações. A distinção entre o mundo real e a simulação foi implodida e “[...] o tempo atual é o deserto do próprio real [...] pois o simulacro precede o real, aliás, ele substitui o real, visto que este já não é mais possível senão como vestígio” (BAUDRILLARD, 1991, p.81).

Tendo como base a função de melhorar a realidade, o simulacro potencializa e altera sua estrutura através da simulação, cada vez se distanciando mais da origem

das coisas. Mas isso não torna o simulacro uma ferramenta da irrealidade: o simulacro não se opõe ao real; o real dá base para a criação do simulacro, e este, por sua vez, potencializa o real, criando um novo conceito de realidade, uma simulação diferente do objeto inicial, porém também real, a partir do ponto em que essa nova realidade se torna melhor que o real e passa a ter mais importância do que sua realidade original. Passa a se tornar o que Baudrillard (1991) chamou de Hiper-real.

Para Baudrillard (1991), a reprodução da realidade acontece em qualquer esfera do sistema: tudo se tornou um simulacro, o mundo inteiro não passa de uma grande simulação da realidade visando à fuga da mesma. “A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real.” (BAUDRILLARD, 1991, p.8).

O simulado passa a ter mais importância do que o original e, ainda, o substitui, desconhecendo os aspectos negativos da realidade referenciada e a própria origem de seu real significado. O simulado passa a ser um modelo para a realidade. O resultado de tamanha produção de simulacros, informações, signos, imagens, interpretações simuladas de um real cada vez mais distante, cuja origem foi quase esquecida, gera o que Baudrillard interpretava como “perda de sentido”.

Segundo Moura (2006), “a consolidação de simulacros urbanos se dá a partir de um verdadeiro espetáculo, no qual os cidadãos, destituídos da capacidade criadora e transformados em consumidores do tema proposto, do produto urbanismo, tornam-se seus atores figurantes”. Sanchez (1997), em suas pesquisas, mostra que algumas obras excepcionais de arquitetura (assim como os condomínios de luxo) são materializadas com a intenção de vitrine publicitária da “cidade-espetáculo”, que se objetivam por tentar esconder os conflitos sociais. Tal condição já é prevista na construção destes empreendimentos que são consolidados com a intenção de esconder as áreas de pobreza, a falta de educação e miséria.

O uso abusivo dos processos de sedução da propaganda e do marketing imobiliário empregados na venda dos condomínios fechados muda a organização original da cidade, fixando novos valores que visivelmente são destinados ao enaltecimento dos interesses de uma ideologia dominante. Tais mecanismos de simulação empregados na construção desses ambientes simulados “minimizam as possibilidades de participação política e eliminam os pressupostos que permitiriam a gestão democrática do espaço urbano” (MOURA, 2006, p.4).

Na construção do meio urbano, a arte de planejar, organizar e gerir produz simulações controladas, previamente idealizadas e materializadas para que tudo funcione conforme o planejado e em total equilíbrio. A idealização de alguns projetos urbanos – como os condomínios fechados – transforma a cidade em um espaço simulado, no qual é vendida a ideia de que “todos podem ser felizes, integrados, adaptados, cumprindo seus papéis determinados, sem imprevistos” (MOURA, 2006, p.2-3).

Segundo Soja (2002), tais simulacros urbanos atuam na tentativa de desconstruir e reconstruir o modo de vida urbano presente em sua época, alterando a

visão de mundo do espaço vivido através de uma influência cuidadosa na consciência do imaginário urbano. Tal modificação na ideologia vigente pode vir a afetar a vida nas cidades, demonstrando que “formas subliminares de regulação social e espacial, literalmente e figurativamente, jogam com as mentes dos cidadãos, manipulando a consciência cívica e as imagens populares do espaço da cidade e da vida urbana” (MOURA, 2006, p.4).

O simulacro urbano que idealiza, planeja, previne e organiza a realidade na tentativa de melhorá-la cria um sentimento de realização no cidadão, que passa a defendê-lo com todas as suas forças, negando a realidade que está fora de seu contexto.

Os simulacros urbanos tendem a criar uma simulação que busca uma perfeição idealizada de cidade (hiper-real), mas, em troca, enclausura, afasta e mascara a realidade fora dos seus limites, na tentativa de esconder as imperfeições do mundo em busca de um “paraíso” terreno. Como resultado, o papel de cidadão pode ser esquecido, diante da possibilidade de tal afastamento. Como um cidadão pode se preocupar com a cidade se desfruta de tudo o que precisa em seu refúgio seguro, limpo e organizado? Como se preocupar com a violência urbana, a pobreza, as precariedades no saneamento da cidade se tudo isso está ao seu alcance dentro dos muros que o cercam? A negação de uma realidade pela outra, provocada pela simulação do meio urbano, leva a crer que o cenário com mais defeitos (também o mais desigual, a considerar o contraponto entre o condomínio e os espaços da pobreza) é o que tende a ser esquecido e, portanto, o que mais sofre as consequências dessa dualidade.

2 ALDEBARAN - UM SIMULACRO URBANO E SEU IMPACTO NA CIDADE

O condomínio Aldebaran está localizado no Bairro do Jardim Petrópolis, constituído dos loteamentos Alfa, Beta, Ômega e Núcleo Central.

Os três módulos e o núcleo central possuem um padrão estrutural com uma grande semelhança estética em sua composição. Todos possuem equipamentos de uso comum aos condôminos que se assemelham em suas características construtivas: o condomínio Aldebaran Alfa possui 11 quadras com 200 lotes, o seu sistema viário é composto por 14 alamedas, possui um total de 13 praças e 1 área de esporte e lazer comunitária. O condomínio Aldebaran Beta possui 19 quadras com 331 lotes, 29 alamedas, um total de 21 praças e 1 área de esporte e lazer comunitária. O condomínio Aldebaran Ômega possui 16 quadras com 354 lotes, 25 alamedas, 11 praças e, também, uma área de esporte e lazer comunitária.

Os condomínios horizontais fechados permitem a criação de ambientes urbanos de convivência homogênea que simplificam e negam a realidade de fora dos muros, potencializando e criando um cenário totalmente controlável, longe de quaisquer ameaças e encontros inesperados. Nestes espaços, a realidade vivida por aqueles que não são moradores é negada, dando espaço para a valorização de uma realidade virtualmente idealizada. Tal vivência dentro de um ambiente hiper-real

que o condomínio oferece possibilita uma mudança na percepção dos moradores e, conseqüentemente, em suas ações para com a sociedade.

Sendo o primeiro loteamento fechado da cidade de Maceió (AL), o Aldebaran caracteriza-se como um simulacro urbano por possuir todas as estruturas necessárias para a simplificação da realidade e potencialização de um estilo de vida que sobressai diante daquele vivido pela maioria da população da cidade.

Isso resulta em uma modificação no imaginário urbano, de onde se deriva uma percepção indiferente dos moradores para com a realidade da cidade, tendo em vista que a fuga de seus aspectos negativos não soluciona os problemas vividos pelo coletivo, limitando-se a um bem-estar individual que pode ser desfrutado somente por aqueles que podem pagar por ele.

As afirmações expressas neste artigo condizem com os resultados obtidos na pesquisa “Sobre os simulacros urbanos e a percepção da cidade: um estudo de caso” (SILVA, 2013), realizada com o objetivo principal de entender a percepção da cidade de Maceió pelos moradores do Condomínio Aldebaran. O método escolhido para a coleta dos dados pertinentes à pesquisa foi o questionário, almejando entender como estes (condôminos) percebem a sua realidade, como reproduzem suas representações sociais e como estas são refletidas em ações para com o restante da cidade.

Tais afirmações podem ser identificadas no quadro 1, a seguir:

QUADRO 1 - PERFIL DOS MORADORES DO CONDOMÍNIO ALDEBARAN E RESULTADOS DAS DIMENSÕES DE ANÁLISE A, B, C, D E E
continua

ALGUNS ASPECTOS QUANTO AO PERFIL DO MORADOR
SEXO: de um total de 87 questionários foram entrevistados 39 homens e 48 mulheres
IDADE: de 21 a 40 anos = 51%
ESCOLARIDADE: Superior completo = 70%
RENDA FAMILIAR: mais de 6 salários mínimos = 87%
NÚMERO DE PESSOAS NA CASA: entre 3 e 5 adultos e 1 criança = 86%
NÚMERO DE VEÍCULOS NA CASA: de 2 a 4 carros = 44%
TEMPO EM QUE MORA NO CONDOMÍNIO: de 10 a 20 anos = 55%
TIPO DE MORADIA QUE POSSUÍA ANTES DE MORAR NO CONDOMÍNIO: Casa no Farol = 21% / Apartamento na Ponta Verde = 31%
QUANTO ÀS RELAÇÕES SOCIAIS NO CONDOMÍNIO
O porquê da escolha de morar em um condomínio fechado - Segurança = 78%
Relação com os vizinhos - Ótima e boa = 78%
Relação com os funcionários do condomínio - Ótima e boa = 90%
Frequência de visitas na casa dos vizinhos - Não = 56%
Sobre a prática de atividades em grupo com outros moradores - Não = 64%
Participação em festas internas - Não = 60%
O que entende por comunidade - Resposta mais comum: Grupo de pessoas com os mesmos interesses = 53%
Dentro do condomínio sente-se parte de uma comunidade - Sim = 83%
Por quê? - Respostas que mais chamaram a atenção:

QUADRO 1 - PERFIL DOS MORADORES DO CONDOMÍNIO ALDEBARAN E RESULTADOS DAS DIMENSÕES DE ANÁLISE A, B, C, D E E conclusão

Sim - Pessoas iguais buscando um bem comum
Sim - Todas as decisões são tomadas em conjunto
Respeito às normas e regras - Não = 67%
Conflitos internos - Barulho = 94%
Participa de assembleias do condomínio - Não = 75%
Conhecimento a respeito das normas e regras do condomínio - Sim = 73%
Sensação de impedimento de fazer alguma coisa - Não = 91%
QUANTO À INFRAESTRUTURA DO CONDOMÍNIO
Uso dos equipamentos urbanos dentro do condomínio - praças = 92%
Dentro do condomínio: ambiente de maior sociabilidade - igreja, praças e academia = 83%
Quanto à segurança interna - Sim = 89%
Sensação de segurança mesmo com o aumento da insegurança na cidade - Sim = 90%
QUANTO À INFRAESTRUTURA DA CIDADE
O que se deve melhorar na cidade - Segurança = 91% / Saneamento Básico = 67%
O que a cidade proporciona que o condomínio não proporciona - Praias = 58% / Bares e Restaurantes = 40%
Espaços de uso comum da cidade: uso e frequência - Bares e restaurantes = 89% / Praias = 70%
Preferência de uso das áreas em comum: Cidade ou condomínio - Condomínio = 78%, por conta da segurança = 43%, Comodidade e praticidade = 57%
Quanto à distância atrapalhar a rotina - Sim = 59%, por conta do trânsito = 69%
QUANTO ÀS RELAÇÕES SOCIAIS FORA DO CONDOMÍNIO
Áreas mais usadas na hora de lazer: dentro do condomínio ou na cidade - cidade = 82%
Locais de lazer nos finais de semana e férias - praia = 71% com os familiares = 90%
Gostaria de se mudar do condomínio - não = 76%, por gostar da estrutura = 41%
QUANTO ÀS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
Atividade comum à rotina - Homem saindo para trabalhar = 39% / pessoas fazendo <i>cooper</i> : = 32%
FONTE: Silva (2013, p.147)

O medo das diferenças que os condôminos possuem é justificado pelo constante aumento da violência na cidade; tal sentimento faz com que as pessoas que possuem condições sociais para isso, na impossibilidade de enfrentamento do problema, passem a se refugiar em um ambiente seguro tal como o que o Aldebaran permite. O maior motivo da escolha deste tipo de moradia é a segurança, vantagem oferecida pelo Aldebaran através da construção de barreiras físicas que estabelecem fronteiras entre os moradores e não moradores, e o uso de aparatos tecnológicos que garantem um monitoramento 24 horas dentro do condomínio.

Ainda que o Aldebaran ofereça todas as condições estruturais para a concretização das idealizações de seus moradores, e mesmo se distanciando da realidade heterogênea da cidade, os conflitos internos são inevitáveis. Mesmo entre pessoas consideradas iguais, ainda existem visões de mundo diversas resultantes de experiências de vida diferentes. A homogeneidade e afinidades ideológicas partilhadas pelos moradores do condomínio não garantem um ambiente interno integrado, visto que os moradores do Aldebaran não possuem interesse em promover um espaço

interno de sociabilidade entre vizinhos, evitando atividades internas em grupo e participação em festas e eventos promovidos pelo condomínio. No entanto, isso não demonstra que os moradores não possuem uma noção de comunidade, mesmo que tal noção seja estritamente contratual e esteja ligada por uma afinidade de interesses sociais, ideologias e renda em comum.

FIGURA 2 - CÂMARA DE VIGILÂNCIA INTERNA - CONDOMÍNIO ALDEBARAN BETA - MUNICÍPIO DE MACEIÓ - ESTADO DE ALAGOAS



FONTE: Os autores (2012)

Mesmo com o distanciamento da cidade, com a segurança condicionada pela sua estrutura e com o convívio entre pessoas seletas, o Aldebaran possui uma estrutura que simula os serviços do espaço público da cidade dentro de um ambiente privado autocontido. Visando evitar o uso dos espaços públicos pelos condôminos, as vantagens que poderiam ser aproveitadas fora dos muros são melhoradas, potencializadas e reproduzidas dentro do condomínio. Ao procurar reproduzir uma realidade melhor do que a de fora dos muros, o Aldebaran assume o papel de simulacro urbano, pois dentro dele os aspectos positivos dos espaços públicos da cidade são ressaltados, e os aspectos negativos são negados de tal forma que o espaço do condomínio passa a servir de referência para os espaços da cidade.

As vantagens da segurança proporcionada dentro do espaço hiper-real que o Aldebaran condiciona – tendo em vista a possibilidade da construção de um ambiente melhor do que o contexto em que está inserido – criam um sentimento de segurança nos condôminos, mesmo com o aumento constante da violência na cidade. Os moradores sentem-se seguros como que dentro de uma cúpula protegida das ameaças do mundo exterior; isto deriva da tentativa de reconstrução de uma urbe referenciada em um passado que não mais existe.

A estrutura do Aldebaran destaca-se de tal forma da cidade que a ideia de um mundo separado dentro do condomínio é propagada e mantida. Algumas placas dentro do condomínio sugerem essa separação ao afirmarem. “Aqui as crianças brincam livres”; já em outra diz-se: “Aqui se respeita a natureza”. Tais afirmações possibilitam a formação de uma representação coletiva de um espaço hiper-real que é absorvida e sintetizada nas ações de negação do espaço da cidade, tornando o espaço público cada vez mais distante.

FIGURA 3 - PLACAS DE AVISO DO CONDOMÍNIO ALDEBARAN - MUNICÍPIO DE MACEIÓ - ESTADO DE ALAGOAS



FONTE: Os autores (2012)

Ainda assim, mesmo com a negação do uso dos espaços públicos da cidade, existem alguns de seus espaços que são usados pelos moradores do Aldebaran. Tais espaços – praias, bares e restaurantes – possuem vantagens que o condomínio não oferece, mas o espaço hiper-real do condomínio ainda é preferencial ao uso diário na rotina dos condôminos. Ainda que estes espaços proporcionem uma sociabilidade na cidade, fora dos muros do condomínio, os moradores preferem desfrutar destes ambientes na companhia de familiares, o que suscita a pouca sociabilidade existente entre os condôminos e seus vizinhos.

Os condôminos sentem-se parte de uma comunidade; o senso de comunidade é salientado quando é preciso a solução de problemas que possam afetar o bem comum. Apesar disso não há o costume de interagir com os vizinhos. Mesmo estando entre pessoas do mesmo nível social e com os mesmos interesses, os conflitos internos acontecem ocasionalmente. O desinteresse de sociabilidade entre os moradores provoca um descaso na participação das decisões pertinentes ao gerenciamento do condomínio: os moradores têm conhecimento das normas e regras, mas se abstêm da resolução dos problemas internos discutidos nas assembleias. Assim, tem-se que o condomínio Aldebaran é uma comunidade regida por interesses meramente contratuais, faltando uma real convivência entre seus moradores.

A estrutura melhorada do Condomínio Aldebaran resulta no aproveitamento dos seus espaços coletivos (principalmente igreja, praças e academia) em vez dos mesmos espaços na cidade, por conta da segurança, comodidade e praticidade.

Os ambientes de lazer da cidade só são procurados quando há necessidade de se utilizar espaços que não existem no condomínio (bares, restaurantes, praias) – isto demonstra que os espaços públicos abandonados e sucateados da cidade ficam para trás em relação a esses mesmos espaços simulados no condomínio.

A vivência no ambiente simulado do condomínio resulta na mudança perceptiva dos moradores, que passam a agir de forma diferente do restante da população da cidade. Os primeiros passam a negar os espaços públicos que não fazem parte do universo do condomínio, rejeitando, assim, todo ambiente que possa gerar qualquer tipo de ameaças, buscando um estilo de vida que possa solucionar os problemas da cidade em nível individual (fugindo deles para se abrigar no espaço cercado do condomínio).

O espaço privado e hiper-real (em relação ao contexto ao qual está inserido) que o Condomínio Aldebaran oferece é idealizado coletivamente. Ao se tornar familiar ao grupo que desfruta de seus espaços em comum, passa a criar uma realidade antagônica a uma das principais funções da cidade: a possibilidade de convívio com as diferenças. Isso dificulta o surgimento de uma coesão social que possa promover a origem de uma identidade para com a cidade como um todo. O condomínio fragmenta tanto estruturalmente quanto simbolicamente, dividindo estruturas, espaços e pessoas, hipervalorizando uma individualidade que desgasta um sentimento de coletividade e integração social.

O Aldebaran torna-se objeto de ligação dos moradores que vivem a sua realidade, através do compartilhamento de uma virtualização de um morar ideal. A realidade vivida dentro do condomínio potencializa o morar fora dos muros, resultando na negação da realidade da cidade, justificando o crescente desuso dos espaços públicos. Estes, por estarem em desvantagem diante da realidade melhorada, passam a ter seus aspectos negativos salientados. Mesmo assim, isso não quer dizer que exista uma negação total dos espaços da cidade, até porque os condôminos do Aldebaran precisam dos serviços que a cidade de Maceió oferece. Essa relação entre os dois espaços só é estimada quando realmente é necessário, quando se quer sossego, tranquilidade e distância de quaisquer conflitos sociais que a diversidade possa provocar. O condomínio serve de refúgio e a realidade hiper-real substitui a realidade da cidade, criando o que Baudrillard (1991) chamou de “deserto do real”, um ambiente que não mais pode ser referenciado, pois foi substituído por quem o referenciou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência no ambiente hiper-real do condomínio Aldebaran faz com que este se torne objeto de ligação entre seus moradores, passando a formar uma percepção coletiva virtualmente idealizada, que é refletida nas representações sociais do grupo e, conseqüentemente, em suas ações para com a sociedade. O espaço privado e hiper-real (relacionado ao contexto em que está inserido) do condomínio Aldebaran torna-se familiar aos moradores, passando a ligá-los por uma realidade simulada que

foge do contexto da realidade vivida fora dos muros. Tal diferenciação é representada coletivamente e cria um antagonismo entre a cidade e o condomínio, dificultando o surgimento de um sentimento de pertencimento dos moradores para com a primeira. O condomínio passa a fragmentar a cidade impondo barreiras visíveis (muros, vigias, difícil acesso, câmeras, entre outros) e não visíveis (nível social, medo das diferenças, desconfiança, entre outros) ao restante da população da cidade, evitando uma coesão social que se materialize em uma identidade integrada da cidade como um todo.

Este artigo procura evidenciar os efeitos que os condomínios têm sobre a cidade e a sua influência para com as ações dos indivíduos. O artigo tem a finalidade de se somar a outras pesquisas que possuam a intenção de alertar o poder público para os efeitos negativos dos condomínios sobre a cidade. A intenção de integração social que possibilita o surgimento de uma identidade coletiva é fragmentada e os indivíduos que desfrutam desses espaços simulados passam a negar o espaço da própria cidade em que estão inseridos.

Assim, pretende-se que este artigo possa contribuir para chamar a atenção sobre um futuro de cidade totalmente fragmentada, com “feudos” de sociabilidade estritamente contratual e nula, resultando na desertificação do espaço público, que se tornaria um ambiente passível de ser tomado pela violência.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacro e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- CORRÉA, Andreia Lopez Muniz. **Privatização do espaço público em loteamentos residenciais em Maceió-AL**. 187 f. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.
- KÖRBES, Aline. **Os condomínios fechados horizontais de Cacupé no contexto urbano de Florianópolis: os lugares fora do lugar**. 153f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- MOURA, Rosa. Um ensaio sobre o controle da cidade e do cidadão contemporâneo. **Cidades**, Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, v.3, n.5, p.37-66, jan./jun. 2006.
- SANCHEZ, Fernanda. **Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing**. Curitiba: Palavra, 1997.
- SILVA, Leonardo Fireman de Castro. **Sobre os simulacros urbanos e a percepção da cidade: um estudo de caso**. 199f. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.
- SOJA, Edward William. **Postmetropolis: critical studies of cities and regions**. Oxford: Blackwell Publishing, 2002.
- VIEIRA, Eduardo Nunes. Espaço urbano como espaço de violência. In: CASTRO, Antônio Escoteguy *et al.* **Política urbana: a produção e o consumo da cidade**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.